

DÊITICO-ANAFÓRICO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E NA LÍNGUA DE SINAIS ESPANHOLA: UM ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL- DISCURSIVO

DEÍCTICO-ANAFÓRICO EN LA LENGUA DE SIGNOS BRASILEÑA Y EN LA LENGUA DE
SIGNOS ESPAÑOLA: UN ESTUDIO LÉXICO-SEMÁNTICO-DISCURSIVO

DEICTIC-ANAPHORIC IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AND SPANISH SIGN LANGUAGE: A
SEMANTIC-LEXICAL-DISCURSIVE STUDY

Leidiani da Silva Reis*

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq



María del Carmen Cabeza Pereiro**

Universidade de Vigo



Ronice Müller de Quadros***

Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq



RESUMO: Apresentamos neste artigo um estudo comparativo, envolvendo, de um lado, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, de outro, a Língua de Sinais Espanhola (LSE), com intenção de observar tanto as semelhanças quanto as diferenças de construção do dêitico-anafórico nas referidas línguas. Para isso, adotamos como alicerce teórico os pressupostos da Referenciação nas línguas de sinais (a partir dos trabalhos de Cabeza, 2020; Pizzuto *et al.*, 2006; Quadros, 2021, 2002; Reis, 2022, 2021, 2020, 2019; entre outros). Destacamos que os dados de análise foram extraídos de um *Corpus* multilíngue – anotado em glosa Libras-LSE, constituído de gravações de entrevistas semiestruturadas feitas com colaboradores surdos, brasileiros e espanhóis. Os resultados revelam que embora cada língua use suas próprias estratégias, em situações bem marcadas, o processo referencial em uma e em outra língua se desdobra de maneira bastante similar, notadamente no que diz respeito à relação simultânea do dêitico e da anáfora - hibridismo semântico-lexical-discursivo referencial.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Brasileira de Sinais (Libras). Língua de Sinais Espanhola (LSE). Processo referencial semântico-lexical-discursivo.

*Professora de Linguística da Libras (UFFS/UFSC). E-mail: leidiani.reis@uffs.edu.br.

**Professora de Linguística da LSE (Uvigo-Espanha). E-mail: cabeza@uvigo.es.

***Professora do Departamento de Libras (DSL/B/CCE/UFSC). E-mail: ronice.quadros@ufsc.br.

RESUMEN: Presentamos en este artículo un estudio comparativo, involucrando, por un lado, la Lengua de Signos Brasileña (Libras) y, por el otro, la Lengua de Signos Española (LSE), con la intención de observar tanto las similitudes como las diferencias en la construcción de lo deíctico-anafórico en esas lenguas. Para eso, adoptamos como fundamento teórico los supuestos de la Referenciación en lenguas de señas (basados en el trabajo de Cabeza, 2020; Pizzuto *et al.*, 2006; Quadros, 2021, 2002; Reis, 2022, 2021, 2020, 2019; entre otros). Destacamos que los datos del análisis fueron extraídos de un *Corpus* multilingüe - anotado en glosa Libras-LSE, constituido por grabaciones de entrevistas semiestructuradas realizadas con colaboradores sordos, brasileños y españoles. Los resultados revelan que si bien cada lengua utiliza sus propias estrategias, en situaciones bien marcadas, el proceso referencial en una y otra lengua emerge de manera bastante equivalente, notablemente en lo que se refiere a la relación simultánea deíctico y anáfora - hibridez léxico-semántico-discursiva referencial.

PALABRAS-CLAVE: Lengua de Signos Brasileña (Libras). Lengua de Signos Española (LSE). Proceso referencial léxico-semántico-discursivo.

ABSTRACT: We present in this article a comparative study, involving, on the one hand, the Brazilian Sign Language (Libras) and, on the other, the Spanish Sign Language (LSE), with the intention of observing both the similarities and the differences in the construction of the deictic- anaphoric in those languages. For this, we adopted as a theoretical foundation the assumptions of Referencing in sign languages (based on the works of Cabeza, 2020; Pizzuto *et al.*, 2006; Quadros, 2021, 2002; Reis, 2022, 2021, 2020, 2019; among others). We emphasize that the analysis data were extracted from a multilingual *Corpus* - annotated in gloss Libras-LSE, consisting of recordings of semi-structured interviews made with deaf, Brazilian and Spanish collaborators. The results reveal that although each language uses its own strategies, in well-marked situations, the referential process in one and the other language emerges in a quite equivalent way, notably with regard to the simultaneous relationship of deictic and anaphora - referential semantic-lexical-discursive hybridism.

KEYWORDS: Brazilian Sign Language (Libras). Spanish Sign Language (LSE). Referential process semantic-lexical-discursive.

INTRODUÇÃO

Mesmo sendo assumida pelos surdos há muito tempo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi oficialmente reconhecida como língua da comunidade surda brasileira somente em 24 de abril de 2002, com a publicação da Lei nº 10.436, a qual foi regulamentada por meio do Decreto nº 5.626, em 2005. Com 21 anos de seu reconhecimento oficial, a Libras carece de muitas investigações acerca dos fenômenos linguísticos que a constituem. Nesse contexto, estudar os processos referenciais envolvidos na Libras tem sido um desafio e, ao mesmo tempo, um caminho promissor para as investigações científicas da área.

Apesar da complexidade envolvida no modo como se manifestam e na forma como se relacionam os itens referenciais, avanços significativos já podem ser percebidos no âmbito das línguas de sinais de outros países, porém, em se tratando da Libras, nós, pesquisadores, estamos apenas começando a desbravar esse campo de estudo. A escassez de pesquisa nesse segmento é ratificada ao buscar dados disponíveis no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*, nas bibliotecas digitais das Universidades, entre outros, sobre trabalhos que fazem menção ao comportamento dos elementos referenciais da Libras, especialmente no que diz respeito ao deíctico-anafórico. Nesse sentido, Quadros, Pizzio e Rezende (2009) reforçam que “[...] há poucos estudos realizados no Brasil sobre correferência na Libras, logo, esse assunto carece de muitas pesquisas. (...)”. (Quadros; Pizzio; Rezende, 2009, não paginado).

Buscando colaborar para a mudança dessa situação, no início do ano de 2019 defendemos uma Tese de Doutorado referente ao processo referencial na Libras face às ocorrências anafóricas em Língua Portuguesa. Durante esse processo de doutoramento, no ano de 2017, tivemos a oportunidade de participar do Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE-CAPES), no Programa de Doutorado em Estudos Linguísticos, no grupo de pesquisa Gramática, Discurso e Sociedade (GRADES), na área de Lengua de signos española, da Universidade de Vigo (Uvigo), na Espanha, Universidade a qual retornamos no ano de 2019 para desenvolver uma pesquisa de Pós-Doutorado no Exterior (PDE-CNPq), com a intenção de analisar o processo referencial, de maneira específica, na Libras e na LSE, ou seja, fizemos uma análise, nessa etapa de formação, entre línguas visuais-espaciais. Os resultados obtidos

durante esse trabalho entre línguas sinalizadas mostraram-se fundamentais para o avanço das pesquisas sobre a descrição linguística da Libras no que diz respeito ao processo referencial.

Com o intuito de dar sequência à investigação realizada durante o PDSE e o PDE, por meio do Pós-Doutorado Junior (PDJ-CNPq), em um viés mais peculiar, propomos analisar o dêitico-anafórico na Libras em comparação com a Língua de Sinais Espanhola (LSE), ambas de modalidade visuais-espaciais, mediante situações semiespontâneas de usos das referidas línguas. Em outras palavras, a intenção desse trabalho é estudar, nas línguas de sinais colocadas em confronto, o dêitico-anafórico na sua organização e estruturação textual no espaço discursivo de sinalização. Assim sendo, buscamos responder, especificamente, às seguintes indagações: (i) Diante de entrevistas sinalizadas por surdos, como ocorre o dêitico-anafórico na Libras em comparação com a LSE, em seu espaço de sinalização discursivo? (ii) São usadas na Libras as mesmas estratégias de construção do dêitico-anafórico usadas na LSE, considerando sua função na construção da cadeia referencial? (iii) Quais dêitico-anafóricos são mais recorrentes nas glosas Libras-LSE?

Para efetivação desse trabalho, assumimos como metodologia a pesquisa de natureza básica, de cunho qualitativo, baseada em uma perspectiva de revisão bibliográfica, bem como documental, diante de uma abordagem multi e transdisciplinar. Assim sendo, o *Corpus* é constituído de gravações de entrevistas semiestruturadas e sinalizadas feitas com colaboradores surdos os quais têm a língua de sinais como sua língua natural, sendo surdos fluentes em Libras e LSE. Destacamos que as gravações em Libras foram coletadas no *Corpus* de Libras, disponível para análises linguísticas em diferentes níveis: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, sociolinguística, entre outros. As gravações em LSE foram coletadas a partir dos bancos de dados do *Corpus* em LSE, RADIS. Também enfatizamos que as gravações foram anotadas em glosa Libras-LSE, por meio do programa ELAN (EUDICO – *Linguistic Annotator*), de forma a constituir um *Corpus* multilíngue, o qual pudemos analisar – a partir de trilhas linguísticas de nosso interesse investigativo.

Inicialmente, partimos da hipótese de que há algumas peculiaridades nas línguas visuais-espaciais no que diz respeito ao processo referencial. Mais especificamente, o espaço, o apontamento, a simultaneidade e até mesmo as ações construídas são essenciais no desenvolvimento de um dêitico-anafórico. O pressuposto teórico adotado será abordado no capítulo subsequente, seguindo-se os métodos utilizados, as análises e as considerações finais.

2 REFERENCIAÇÃO: UMA FUSÃO DE PROCESSOS COGNITIVOS, SOCIAIS E INTERATIVOS

Partindo da compreensão de língua como atividade sociocognitivainteracional e dos estudos da Linguística Textual acerca da referenciação, compreendemos que os processos referenciais são produzidos na interação, tendo como base atividades cognitivas, sociais e o próprio entorno discursivo em que os falantes se encontram. Assim sendo, a referenciação se configura não apenas como um recurso de retomada de entidades do mundo, ou seja, ela não diz respeito a simples rótulos usados para designar as coisas do mundo, mas, muito além disso, retrata uma forma de construção e reconstrução de objetos do discurso realizados por sujeitos, em um processo de interação, o que significa dizer que carrega, entre outros aspectos, os interesses e os pontos de vista dos interlocutores envolvidos no processo discursivo (Koch; Marcuschi, 1998).

Os objetos do discurso, sendo construídos e reconstruídos discursivamente, não devem ser entendidos como se já estivessem prontos para serem utilizados e como se fossem válidos para todos os sujeitos, pois eles não são estáticos e não seguem uma norma, mas são desenvolvidos conforme o contexto de interação (Mondada; Dubois, 2003). Em outras palavras, essa construção e reconstrução de objetos do discurso, que se constituem como um processo dinâmico fundamental na progressão textual, ocorrem quando um objeto é lançado no texto (introdução) e utilizado novamente (retomada), podendo a qualquer momento ser desativado (desfocalização) e reativado no curso da progressão textual.

Segundo Ciulla (2008), os elementos referenciais promovidos na malha discursiva imbricam-se, de modo que não podemos interpretar completamente um sem ver o outro. Nessa perspectiva, a autora propõe o possível entrecruzamento dos processos referenciais anáfora e dêixis, pois conforme suas reflexões, uma mesma expressão desempenha, de uma só vez, funções tanto dêiticas

quanto anafóricas, isto é, há em um mesmo elemento referencial a simultaneidade do dêitico e da anáfora, caracterizando um hibridismo discursivo. Assim sendo, dêixis e anáforas, ainda que sejam fenômenos referenciais diferentes, não se excluem.

Nessa perspectiva, Santos e Cavalcante (2014) dizem que “[...] com o passar dos anos e o desenvolvimento dos estudos sobre referenciação, as fronteiras entre os processos referenciais parecem ter sido percebidas como mais tênues” (Santos; Cavalcante, 2014, p. 224). Assim sendo, entendemos que os processos referenciais, na perspectiva sociocognitivointeracional, podem ser tratados de forma tênue, ou conforme Ciulla (2008) aponta, como uma fusão de operações cognitivas, sociais e interativas realizadas pelos falantes.

2.1 DÊITICO E ANÁFORA NO ÂMBITO DAS LÍNGUAS VISUAIS-ESPACIAIS

As línguas de sinais, devido à sua modalidade visual-espacial, apresentam duas características essenciais, a saber, por um lado, seu caráter simultâneo e, por outro, sua elevada iconicidade, e ao falar dessas especificidades, Cabeza (2020) destaca que:

La presentación de los principales articuladores se hace teniendo en cuenta una división habitual entre las manos, por una parte, y los componentes no manuales, por otra. El movimiento de las manos y brazos suele asociarse con los aspectos verbales de las señas, en tanto que los articuladores no manuales sirven a diferentes funciones de discriminación léxica, modificación gramatical, delimitación de unidades gramaticales y prosódicas, además de otras funciones discursivas (Cabeza, 2020, p. 10).

Ao utilizar dos recursos oferecidos pela modalidade visual-espacial, o sinalizante constrói e reconstrói objetos do discurso em um processo de interação, atualizando constantemente suas estratégias referenciais. Na Língua de Sinais Americana (ASL), o processo referencial foi destaque nos estudos de Lillo-Martin e Klima (1990) desde a década de 90. Para os autores, a referência anafórica, por exemplo, requer que o sinalizador aponte – veja ou gire o corpo – ao local previamente estabelecido para o referente, caracterizando, então, uma ação conjunta entre a anáfora e a dêixis. Não poderia ser diferente, essa utilização do espaço permite múltiplas possibilidades de reconstrução referencial. Para Schlenker (2016), autor contemporâneo da ASL, nas línguas visuais-espaciais, o espaço e o apontamento (dêitico) são componentes efetivos da anáfora, principalmente quando se trata de uma anáfora pronominal, em outras palavras, “[...] se o pronome é usado anaforicamente, o antecedente tipicamente estabelece um local, o qual é, em seguida, ‘indexado’ (=apontou para) pelo pronome. O antecedente sintagma nominal é acompanhado com sinal de apontação que estabelece o ‘loci’ relevante” (Schlenker, 2016, p. 7, tradução nossa).

Nesse mesmo sentido, Landaluce (2015), investigador da língua de sinais espanhola, que desenvolveu a tese *La deixis en la Lengua de Signos Española (LSE): Efectos de la modalidad espaciovisual*, aponta a anáfora como uma forma de uso da dêixis, trazendo uma discussão bastante congruente quanto a essa parceria referencial. Ele assevera que, embora em muitas línguas exista elementos exclusivamente anafóricos, que não têm vestígios dêiticos, é muito comum um elemento dêitico ser utilizado simultaneamente à anáfora, nas línguas visuais-espaciais. Tratando-se do espaço na constituição do processo referencial, Morales López *et al.* (2019), embasados em estudos da LSE, dizem que “[...] a utilização do espaço para representar os distintos referentes é um recurso a serviço da coesão discursiva, porque com esses recursos se produzem a progressão temática e a conexão entre as distintas proposições” (Morales López *et al.*, 2019, p. 114, tradução nossa).

Meurant (2008), em seus trabalhos referentes à língua de Sinais do Sul da Bélgica (LSFB), corrobora que o olhar cria e organiza um primeiro espaço referencial: o ‘espaço dêitico’. Esse espaço está fisicamente situado entre o locutor e seu destinatário (considerando como um ser discursivo e não como uma pessoa empírica). Em outras palavras, há uma relação direta de direcionamento discursivo entre os interlocutores. Assim como na ASL e na LSE, Meurant (2008) também nos mostra a possibilidade do dêitico e da anáfora ocorrerem simultaneamente, na LSFB, via ‘loci’.

Nessa mesma dinâmica, na Libras, conforme a pesquisadora Berenz (1996), uma especificidade do processo referencial é o uso frequente da dêixis, concedendo-lhe um papel essencial na construção e na reconstrução do referente. A dêixis, no entanto, envolve propriedades formais, sendo caracterizada como uma forma gramatical que traz o contexto para dentro da prática linguística. Em

outras palavras, “[...] os dêiticos são usados no espaço referencial de forma gramaticalizada. Na Libras representam pontos situados no espaço no entorno do sinalizante” (Quadros, 2021, p. 44).

Segundo Ferreira Brito, “os dêiticos são usados frequentemente, em Libras, para referirem e correferirem. Por correferência, entende-se aqui todos os termos que tradicionalmente são chamados de anáfora e catáfora” (Ferreira Brito, 2010, p. 116, grifos nossos). Podemos entender que, assim como em outras línguas de sinais, na Libras, o dêitico, além de exercer a função de apontar, também executa o papel de retomar; ou seja, há um exercício simultâneo do dêitico e da anáfora. É importante enfatizar que os referentes são introduzidos no espaço à frente do sinalizador, por meio da apontação em diferentes locais. Nesse contexto, percebemos que o espaço, de fato, é um dos elementos que favorece a coesão e a coerência dos textos enunciados em língua de sinais. Assim sendo, Quadros (2002) diz que:

Na língua brasileira de sinais, os sinalizadores estabelecem os referentes associados com uma localização no espaço. Tais referentes podem estar fisicamente presentes ou não. Depois de serem introduzidos no espaço, os pontos específicos podem ser referidos ao longo do discurso. Quando os referentes estão presentes, os pontos no espaço são estabelecidos baseados na posição realocuada pelo referente, por exemplo, o sinalizador aponta para si para indicar a primeira pessoa, para o interlocutor para indicar a segunda pessoa e para os outros para indicar a terceira pessoa [...] quando os referentes estão ausentes do discurso, são estabelecidos pontos abstratos no espaço. (Quadros, 2002, p. 23-24, grifos nosso).

Para Reis (2020), partindo da perspectiva da referenciação como uma prática discursiva, marcada por situações sociocognitivas e interacionais, torna-se indispensável destacar a simultânea relação entre a anáfora e a dêixis na Libras, no espaço discursivo de sinalização, o que contribui efetivamente para a construção dos sentidos entre os sinalizantes e o desenvolvimento de cadeia referencial específica da modalidade visuoespacial, representando a dinamicidade e a fluidez entre os processos referenciais na Libras.

Também sobre o dêitico e a anáfora nas línguas de sinais, os autores Pizzuto *et al.* (2006) trazem no texto *Deixis, Anaphora and Highly Iconic Structures: Crosslinguistic Evidence on American (ASL), French (LSF) and Italian (LIS) Signed Languages*, uma discussão sobre a construção do dêitico-anafórico nessas línguas de sinais destacadas. Esses pesquisadores definem as estruturas dêitico-anafóricas como recurso de coesão textual que permitem a falantes ou sinalizantes mostrar (dêixis) e retomar (anáfora) referentes no discurso, simultaneamente.

A partir de uma análise comparativa de narrativas produzidas na ASL, na LSF e na LIS, a pesquisa proporciona evidências importantes sobre o processo referencial nas três línguas de sinais. Mais especificamente, os dados analisados permitem avaliar a influência das relações entre as línguas a respeito dos referidos fenômenos investigados. Os autores propõem duas grandes classes de dêitico-anafóricos, nas línguas visuais-espaciais. A primeira é a classe ‘padrão’, realizada por meio de apontações manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço (os ‘loci’). Nessa classe, os referentes podem ser simbolicamente atribuídos. Alguns fatores são relevantes para o processo anafórico nessa classe, entre eles: i) a direção do olhar: a anáfora ocorre com a marcação acentuada da direção dos olhos; ii) a soletração (datilologia): o pronome chama a atenção do interlocutor para a soletração, e a relação entre a soletração e o objeto referido é de inferência, como no exemplo: <ELA M-A-R-I-A>; e iii) a locação: apontamento direcionado no espaço.

A segunda classe proposta por Pizzuto *et al.* (2006) é a de complexas unidades manuais e não manuais, que não são sinais de apontação nem podem ser classificadas como sinais padrões. Essas unidades apresentam características altamente icônicas – denominadas Estruturas Altamente Icônicas (EAI) ou *Transfêrências* (Cuxac, 2000) – e são marcadas por padrões específicos do olhar, por formas manuais que codificam atributos perceptíveis salientes das relações entre o referente e o elemento referencial, e por expressões faciais marcadas e/ou modificações da cabeça, dos ombros e do tronco, tipicamente identificadas como ‘recursos de troca de papéis’. Quando há a mudança do próprio sinalizante como referente de primeira pessoa a outros referentes que passam a ser os referentes no corpo do sinalizante, Quadros (p. 69, 2021) denomina como “alternância de perspectivas”.

Cabeza (p. 41, 2020) designa como “acción construída o discurso construído” o ato de o sinalizante incorporar o referente, assumindo sua postura e seu modo de agir – o sinalizante age como se fosse o objeto referenciado. E nessa perspectiva, Bernardino *et al.* (2020), ao discutirem sobre a ação construída na Libras, destacam que o uso dessa estratégia linguística é extremamente importante para a compreensão dos enunciados pelos surdos, pois expressa uma riqueza de detalhes essenciais para o reconhecimento do referente. Além disso, os autores destacam que a ação construída é “uma estratégia linguística referencial, a fim de conduzir a atenção do interlocutor, por meio de recursos linguísticos visuais, para a cena desenvolvida através do discurso narrativo” (Bernardino *et al.*, 2020, p. 23). Vale destacar que, quanto a esse tipo de referência, Liddel (1995), ao estudar a relação entre o espaço e o processo referencial, numa perspectiva de representação mental, denominou-a como “sub-rogada”.

Reis (2019), ao avaliar o processo referencial na Libras em comparação com a língua portuguesa, considerando os pressupostos teóricos da Referenciação, assim como os estudos de Pizzuto *et al.* (2006) e de outros pesquisadores das línguas de sinais, propôs em sua tese de doutorado as seguintes categorias referenciais na Libras:

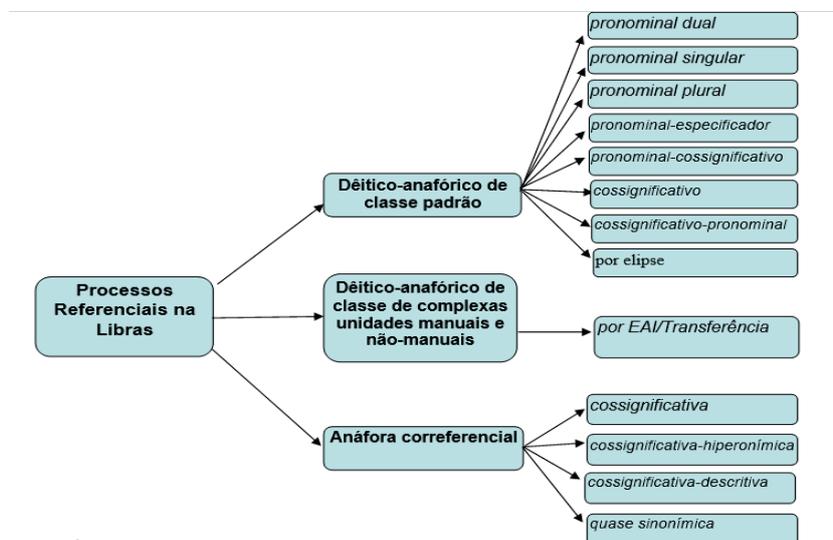


Figura 1: Processos Referenciais na Libras

Fonte: Reis (2019)

De modo geral, é possível perceber, no diagrama apresentado, três grandes categorias referenciais na Libras: (i) *dêitico-anafórico de classe padrão*; (ii) *dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não-manuais*; e (iii) *anáfora correferencial*, sendo essas subdivididas conforme características da própria língua. No que diz respeito às classes dêitico-anafóricas – ‘padrão’ e ‘de complexas unidades manuais e não manuais’ –, por serem constantemente detectadas nos estudos das línguas de sinais, podem então representar uma das características que distanciam essas línguas das línguas oroauditivas, fato detectado, por exemplo, na investigação de Reis (2019).

3 PROCESSO METODOLÓGICO

Desenvolvemos uma pesquisa de natureza básica, de cunho qualitativo, baseada em uma perspectiva metodológica de revisão bibliográfica, bem como documental, diante de uma abordagem multi e transdisciplinar. Assim sendo, o *Corpus* é constituído de gravações de entrevistas semiestruturadas, feitas com colaboradores surdos os quais são considerados como surdos de referência, em que a língua de sinais é a sua língua natural, ou seja, são surdos fluentes em Libras – tendo em vista a delimitação necessária para estruturação do artigo, trouxemos como entrevistada uma mulher, com idade entre 30 e 35 anos –; e surdos fluentes em LSE – para esse momento, trouxemos a participação de um homem, com idade entre 35 e 40 anos. Vale mencionar que, apesar de expor o gênero e a idade dos colaboradores, esses elementos não foram razões de interferência nos resultados das análises. O que consideramos relevante na seleção dos participantes foi o fato de serem surdos de referência, em que a língua de sinais perpetua como língua materna, caracterizando fluência na Libras e na LSE.

Destacamos que as gravações das entrevistas em Libras foram disponibilizadas pelo grupo de pesquisa *Corpus de Libras* da UFSC, desenvolvidas para o projeto “O Inventário de Libras da Grande Florianópolis” que está sob a coordenação da professora Ronice Müller de Quadros, com financiamento do CNPQ (Processos 303725/2013-3 e 471355/2013-5). Esse projeto está disponível no Portal de Libras.

As gravações em LSE foram ofertadas pelo grupo de pesquisa GRADES da UVIGO, o qual tem desenvolvido o trabalho de constituição do *Corpus* em LSE para análises linguísticas, RADIS - o *Corpus* RADIS contou, para a sua elaboração e análise, com financiamento do Governo da Espanha (FFI2013-41929-P e FFI2016-78194-P) e do Governo da Galiza (R2014/007 & ED431D 2016/011) -, disponível parcialmente em *Isignos (Interfaz de datos de la lengua de signos española*, no portal. Também enfatizamos que ambas as gravações foram anotadas em glosa LSE-Libras, por meio do programa ELAN (EUDICO – *Linguistic Annotator*), estabelecendo assim um *Corpus* multilíngue, do qual analisamos – a partir de trilhas linguísticas de nosso interesse investigativo – o dêitico-anafórico na Libras em comparação com a LSE.

Para a glosa-Libras, foi adotado o sistema de anotação proposto no Manual de transcrição do *Corpus* Libras. A glosa-LSE foi desenvolvida em parceria com o grupo GRADES, a partir do sistema de anotação do *Corpus* RADIS da LSE.

4 ESTRATÉGIAS DÊITICO-ANAFÓRICAS EM LIBRAS E EM LSE: ANÁLISE COMPARATIVA

Para esse artigo, expomos análises de entrevistas sinalizadas, realizadas com colaboradores surdos, sendo um do Brasil, em Libras, e outro da Espanha, em LSE. Primeiro, analisamos o processo referencial em Libras, em seguida o fizemos em LSE. Para as análises, consideramos as teorias estudadas em seção anterior, notadamente, com relação à perspectiva da referenciação e à proposta de análise dos processos referenciais nas línguas de sinais. Considerando a delimitação necessária para estruturação do artigo, não foi possível trazer aqui a análise da entrevista na íntegra. Assim sendo, tendo em vista o objetivo do trabalho, selecionamos os fenômenos referenciais que mais representaram o *Corpus* multilíngue Libras-LSE. Vale destacar que as apreciações aqui exibidas são compostas pela sinalização do entrevistado.

Valoramos, nas análises, os processos referenciais *Introdução e Retomada*. Em especial, como foco desse trabalho, no processo de *Retomada*, apreciamos a presença das classes dêitico-anafóricas, *padrão* e de *complexas unidades manuais e não manuais*, conforme proposta de Pizzuto *et al.* (2006), Reis (2022, 2021, 2020, 2019), entre outros. Na classe *padrão*, de acordo com suas possíveis manifestações, consideramos a retomada composta por: dêitico-anafórico pronominal-demonstrativo; dêitico-anafórico pronominal de pessoa; dêitico-anafórico cossignificativo - “Cossignificativo” é o termo utilizado por Haag e Othero (2003) para se referir à retomada por repetição, conforme Reis (2019); dêitico-anafórico por paráfrase; dêitico-anafórico especificador; dêitico-anafórico por elipse, entre outros (Reis, 2019). Na classe de *complexas unidades manuais e não manuais*, consideramos a retomada dêitico-anafórica por EAI/Transferência.

4.1 ESTRATÉGIAS DÊITICO-ANAFÓRICAS EM LIBRAS

Nessa subseção, analisamos o processo referencial em Libras, em específico, voltamos nosso olhar para a reconstrução do objeto do discurso, com interesse em observar a retomada do referente por meio do dêitico-anafórico durante a organização e estruturação textual da entrevista realizada com o surdo brasileiro, no espaço discursivo de sinalização.

Para efeito de organização, disponibilizamos em formato de tabelas, os dados de análise. Conforme podemos ver a seguir, na Tabela 1, temos quatro colunas, sendo a primeira composta pelos referentes, ou seja, objetos do discurso; a segunda está dedicada à introdução do referente; a terceira voltada à retomada desse referente; e a quarta destinada à classificação desse processo de retomada no que diz respeito às classes dêitico-anafóricas.

Processo referencial em Libras

Referente/Objeto do discurso	Introdução	Retomada	Dêitico-anafórico
Referente 01: sinal	<p>Entrevistado Md: POSS(meu) · SINAL · SINAL(marisa)</p>	<p>Entrevistado 1.Md: SINAL(marisa)+ 2.Md+Me: IX(esse-sinal) 3. Md: SINAL(marisa) · SINAL · VERDE · DV(é-sinal-verde) · PRÓPRIO · SINAL · DV(é-sinal-verde) · DEPOIS · IX(eu) · NASCER · VER · IX(eu) · IX(olho) · VERDE · IX(olho)</p>	<p>1. padrão cossignificativo 2. padrão pronominal-demonstrativo 3. padrão por paráfrase definicional</p>

Tabela 1: Processo Referencial na entrevista sinalizada em Libras: sinal

Fonte: elaborado pelas autoras

Expomos, na Tabela 1, para análise do processo referencial, o objeto do discurso “sinal”, que compõe a entrevista em Libras. Conforme podemos visualizar, a introdução do referente é realizada pelo entrevistado, por meio da construção em glosa-Libras: Md: POSS(meu). SINAL · SINAL(marisa). Esse processo de introdução promove um convite para uma ativação de conhecimentos culturalmente compartilhados entre os usuários da Libras, a saber, o batismo do sinal pessoal. Na cultura surda, o sinal é atribuído a partir de alguns aspectos, entre eles, característica física, comportamento acentuado do indivíduo, apelido etc. Diante disso, entendemos que a formação dos objetos do discurso é, indiscutivelmente, influenciada por fatores culturais, históricos, sociais, ou seja, pelo contexto de comunicação e não apenas por experiências individuais ou por meras reproduções preexistentes da realidade (Reis, 2019).

Inicialmente, a reconstrução do objeto do discurso “sinal”, como vemos na glosa-Libras, sucede por meio de uma repetição, Md: SINAL(marisa)+, mediante o olhar e a palma da mão direcionados ao sinalizante, formando então um *dêitico-anafórico de classe padrão cossignificativo*. Há cossignificação porque ocorre repetição lexical e o significado se mantém (Apothéloz, 2003), em outras palavras, há uma relação de correferencialidade com algum sinal contextual. Vale destacar que no decorrer da entrevista, há diversos momentos em que o entrevistado lança mão dessa estratégia referencial, ora por repetição total ora por repetição parcial, como nos exemplos: Md: POSS(meu) · SINAL · SINAL(marisa); Md: SINAL(marisa) · POSS(meu) · SINAL. Nesse sentido, é relevante enfatizar que as escolhas das estratégias referenciais não são aleatórias até mesmo nos casos das repetições (Santos; Cavalcante, 2014). Na sequência, exibimos uma das imagens da realização do dêitico-anafórico cossignificativo, adquirida no *Corpus* de Libras, pelo programa Elan, em análise da entrevista:



Figura 2: Dêitico-anafórico cossignificativo

Fonte: *Corpus* de Libras (2022)

Como outra forma de retomada do referente “sinal”, temos Md+Me: IX(esse-sinal), em que a mão direita é disposta no espaço de sinalização como uma retoma anafórica do referente, atrelada, simultaneamente, ao apontamento manual, realizado pela mão esquerda - pronome demonstrativo, com a configuração de mão G -, seguido da orientação da mão e da direção do olhar. Nessa perspectiva, segundo Quadros (2021, p. 38), “os pronomes demonstrativos [...] são dêiticos na Libras, pois seus respectivos significados dependem de cada instância do seu acontecimento na enunciação”. Assim sendo, temos um processo referencial simultâneo entre a anáfora (retomada) e a dêixis (apontamento), em que “[...] um antecedente está associado com uma posição ou um *locus* de assinatura no espaço, e uma ligação anafórica é obtida por apontamento (dêixis) para que o *locus* possa recuperar seu valor semântico” (Schlenker, 2016, p. 2, tradução nossa). Diante desses fatores, temos, então, a constituição de um *dêitico-anafórico de classe padrão pronominal-demonstrativo*. Vejamos, a seguir, a imagem desse processo referencial, coletada no *Corpus* de Libras, pelo programa Elan, alusiva à entrevista:



Figura 3: Dêitico-anafórico pronominal-demonstrativo

Fonte: *Corpus* de Libras (2022)

Outra retomada relevante do referente “sinal” ocorre por meio de paráfrase - uma forma de retomada correferencial com recategorização - em que o sinalizante, após apresentar seu sinal, tendo em vista o contexto discursivo cultural, considera relevante explicar detalhadamente a razão de ter sido batizado com o referido sinal, SINAL(marisa). Para isso, o entrevistado sinaliza Md: SINAL(marisa) · SINAL · VERDE · DV(é-sinal-verde) · PRÓPRIO · SINAL · DV(é-sinal-verde) · DEPOIS · IX(eu) · NASCER · VER · IX(eu) · IX(olho) · VERDE · IX(olho), esclarecendo que seu sinal surgiu da relação entre seus olhos verdes (característica física) e o antigo sinal utilizado pela comunidade surda (em específico, comunidade surda do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos) para se referir à cor verde. Essa estratégia referencial é realizada por meio de apontações manuais e visuais, com marcação acentuada da direção dos olhos do sinalizante, direcionados no espaço previamente estabelecido para o referente: IX(eu) · NASCER · VER · IX(eu) · IX(olho) · VERDE · IX(olho). Esse conjunto de elementos referenciais se destaca também na presença do verbo descritivo visual/verbo classificador, que é, muitas das vezes, polimorfêmico, por combinar vários fatores em um único sinal (Quadros, 2021): DV(é-sinal-verde). Considerando os fatores mencionados nessa tessitura textual, podemos então caracterizar esse processo referencial como *dêitico-anafórico de classe padrão por paráfrase definicional*, em que o sinal a ser definido/explicado é o elemento previamente introduzido, e a definição é aportada pela forma dêitico-anafórica (Koch; Elias, 2006; Reis, 2019). Podemos dizer que o dêitico-anafórico por paráfrase definicional é uma importante estratégia metaformativa, pois se volta para o próprio texto, de maneira que esclarece o sentido dos termos empregados, refletindo, assim, sobre a forma do dito, o que se caracteriza como um ato metadiscursivo (Santos; Cavalcante, 2014). Em seguida, uma imagem do processo referencial denominado dêitico-anafórico por paráfrase definicional, perpetrada pelo entrevistado, adquirida no *Corpus* de Libras, pelo programa Elan:



Figura 4: Dêitico-anafórico por paráfrase definicional

Fonte: *Corpus de Libras, 2022*

Na Tabela 2, em continuidade às análises, seguindo a mesma dinâmica, temos uma primeira coluna composta do objeto do discurso selecionado para o momento - língua de sinais -; a segunda coluna está dedicada à introdução do referente; a terceira voltada à retomada desse referente; e a quarta destinada à classificação desse processo de retomada no que diz respeito às classes dêitico-anafóricas.

Processo referencial em Libras

Referente/Objeto do discurso	Introdução	Retomada	Dêitico-anafórico
Referente: língua de sinais	<p>Entrevistado Md+Me: LÍNGUA-DE-SINAIS</p>	<p>Entrevistado 1. Md+Me:LÍNGUA-DE-SINAIS 2. Md+Me:LÍNGUA-DE-SINAIS · IX(essa-língua-de-sinais) 3. Md+Me: LÍNGUA-DE-SINAIS · Md: PRIMEIRA · Md+Me: LÍNGUA-DE-SINAIS · Md+Me: NATURAL</p>	<p>1. padrão cossignificativo 2. padrão cossignificativo/pronominal-demonstrativo padrão cossignificativo/por paráfrase definicional</p>

Tabela 2: Processo Referencial na entrevista sinalizada em Libras: língua de sinais

Fonte: elaborado pelas autoras

No que diz respeito ao referente “língua de sinais”, disposto na Tabela 2, sua introdução ocorre por meio da construção Md+Me: LÍNGUA-DE-SINAIS. A retomada desse referente, como o vemos na glosa-Libras, sucede, primeiro, por meio de uma repetição total do sinal em questão, Md+Me:LÍNGUA-DE-SINAIS, juntamente com o apontamento visual para o espaço de sinalização em que o referente foi construído, caracterizando então um *dêitico-anafórico padrão cossignificativo*. Podemos perceber, na análise realizada, que mesmo adotando outra estratégia paralela, a cossignificação é destaque constante na reconstrução do objeto do discurso mencionado. Acreditamos que a repetição – processo referencial sem recategorização –, durante a construção de cadeias discursivas referenciais, reforça ou destaca a informação em questão, uma vez que chama a atenção do destinatário para o objeto do discurso que se encontra saliente. Segundo Santos e Cavalcante (2014), mesmo as estratégias referenciais sem recategorização também marcam “a intencionalidade, [...], a sequência textual predominante, além de outros aspectos não apenas linguísticos, mas condicionados pelo caráter sociocognitivo da linguagem” (Santos; Cavalcante, 2014, p. 229). Vejamos a imagem da retomada dêitico-anafórica cossignificativa, do referente “língua de sinais”:



Figura 5: Dêitico-anafórico cossignificativo

Fonte: *Corpus de Libras* (2022)

A seguir, o referente “língua de sinais” é retomado por meio de uma repetição total, Md+Me:LÍNGUA-DE-SINAIS, seguida do pronome demonstrativo ESS@, marcado pelo apontamento realizado pela configuração de mão em G, orientando a cabeça e os olhos em direção à localização em que o referente foi construído, IX(essa-língua-de-sinais). Considerando esses fatores, é importante lembrar que nas línguas visuoespaciais, o espaço e o apontamento são componentes efetivos da anáfora, principalmente quando se trata de uma anáfora pronominal (Schenker, 2016). Funciona como se as coordenadas dêiticas fossem projetadas em espaços anafóricos, por isso, tem-se o dêitico-anafórico (MEURANT, 2008). Não podia ser diferente, temos então, nesse caso analisado, um *dêitico-anafórico de classe padrão cossignificativo, pronominal-demonstrativo*, Md+Me:LÍNGUA-DE-SINAIS · IX(essa-língua-de-sinais). Apreciamos, em seguida, uma das imagens do processo referencial mencionado, coletada no *Corpus de Libras*, pelo programa Elan, pertencente à entrevista:



Figura 6: Dêitico-anafórico cossignificativo, pronominal-demonstrativo

Fonte: *Corpus de Libras* (2022)

Trazemos, para finalizar esta seção, mais uma retomada relevante do referente “língua de sinais”, realizada pelo entrevistado, que na Glosa-Libras se destaca pela repetição e, sequencialmente, pelo acréscimo de informação cultural e linguística referente à língua de sinais, de modo duplicado, simultânea à apontação visual, com marcação acentuada da direção dos olhos do sinalizante, direcionados no espaço previamente estabelecido para o referente: Md+Me: LÍNGUA-DE-SINAIS · Md: PRIMEIRA · Md+Me: LÍNGUA-DE-SINAIS · Md+Me: NATURAL. A nosso ver, o sinalizante, ao lançar mão dessa estratégia referencial, tem como intenção deixar a informação mais clara ao seu enunciador, por meio da organização do discurso sinalizado – mediante a repetição do sinal Md+Me: LÍNGUA-DE-SINAIS, permitindo a confirmação de sua posição quanto ao que considera como língua de sinais, fortalecendo, assim, sua identidade surda – por meio dos acréscimos dos sinais: Md: PRIMEIRA e Md+Me: NATURAL. Em outras palavras, o enunciador procura evidenciar, nessa definição acrescida, que a língua de sinais é sua primeira língua, sendo essa uma língua natural como qualquer outra, ou seja, “[...] é uma língua que se constitui entre os surdos e estes a transmitiram como herança aos seus filhos, parentes e amigos ouvintes, bem como aos demais surdos” (Quadros, 2021, p. 15). Por todos esses fatores

mencionados, definimos esse processo referencial como *dêitico-anafórico padrão cossignificativo, por paráfrase definicional*. Em seguida, apresentamos uma das imagens do processo referencial dêitico-anafórico cossignificativo, por paráfrase definicional, realizado pelo sinalizante durante a entrevista:



Figura 7: Dêitico-anafórico cossignificativo, por paráfrase definicional

Fonte: *Corpus* de Libras (2022)

Com as análises do processo referencial apresentadas nesta seção, tendo em vista o *Corpus* em Libras, é possível notar a dinamicidade da trajetória dos referentes selecionados. A constituição de uma “cadeia referencial é, dessa forma, resultado da manutenção ou evolução de um objeto de discurso” (Koch, 2008, p. 102), e como sabemos, “a unidade do texto depende da coesão e da coerência, ou seja, dos elos estabelecidos ao longo do texto e da composição dos sentidos para integrá-los de forma adequada, consistente com a intenção do sinalizante” (Quadros, 2021, p. 85).

De modo geral, percebemos, no *Corpus* de análise em Libras, que as reconstruções dos referentes foram marcadas pelo dêitico-anafórico de classe padrão, em particular, principalmente pelo dêitico-anafórico pronominal-demonstrativo, assim como pelo dêitico-anafórico cossignificativo e pelo dêitico-anafórico por paráfrase – outros casos de dêitico-anafóricos de classe padrão apareceram no decorrer da entrevista, porém, considerando o referente selecionado, trouxemos as retomadas mais despontadas. Para finalizar esta parte, é importante citar que, apesar de, em alguns momentos, o sinalizante retomar o referente por meio de verbo descritivo visual/classificador, atrelado à marcação acentuada da direção dos olhos do sinalizante, ainda assim não temos uma efetiva retomada por dêitico-anafórico de classe de complexas unidades manuais e não-manuais, nas análises realizadas no gênero entrevista.

4.2 ESTRATÉGIAS DÊITICO-ANAFÓRICAS EM LSE

Nesta parte, avaliamos o processo referencial em LSE, em especial, com atenção às retomadas por meio do dêitico-anafórico durante a organização e estruturação textual da entrevista realizada com o surdo espanhol, no espaço discursivo de sinalização. Seguimos os mesmos critérios de organização utilizados na seção 4.1: disponibilizamos em formato de tabelas os dados de análise. A primeira coluna da tabela é composta pelo referente selecionado; a segunda está dedicada à introdução do referente; a terceira ao processo de retomada dele; e a quarta à classificação desse processo de retomada no que diz respeito às classes de dêitico-anafóricos.

Processo referencial em LSE

Referente/Objeto do discurso	Introdução	Retomada	Dêitico-anafórico
Referente: intérprete	<p>Entrevistado INDX.PRO(B): 1sg . INTÉRPRETE</p>	<p>Entrevistado 1. INDX.PRO(B):1sg . INTÉRPRETE 2. INDX.PRO(B):1sg . ØPONER-PERSONA UNIVERSIDAD 4. INDX.PRO(B):1sg . INDX(él) . cl.e(1):persona-desplazarse</p>	<p>1. padrão cossignificativo 2. padrão por elipse 3. padrão pronominal de pessoa</p>

Tabela 3: Processo Referencial na entrevista sinalizada em LSE: intérprete

Fonte: elaborado pelas autoras

Apresentamos, na Tabela 3, para análise do processo referencial em LSE, o objeto do discurso “intérprete”. Sua introdução, no espaço de sinalização, é realizada pelo entrevistado por meio da construção em glosa-LSE com INDX.PRO(B): 1sg . INTÉRPRETE. Esse referente é retomado, em seguida, por meio de uma repetição do sinal INTÉRPRETE, simultaneamente com o olhar direcionado ao local em que o referente foi ativado, caracterizando, então, esse processo referencial de ordem lexical como *dêitico-anafórico padrão cossignificativo*.

Do mesmo modo como ocorreu em Libras, essa estratégia de reconstrução do objeto do discurso se mostrou bastante evidente durante toda entrevista em LSE. Em algumas situações do texto sinalizado, tivemos juntamente com a repetição, outras táticas de retomada, como por exemplo o apontamento manual, o classificador de pessoa etc. Em todos esses casos, foi possível observar uma relação de correferencialidade sem recategorização do referente, conforme já observado também nas análises em Libras. Vejamos, a seguir, uma das imagens do processo referencial mencionado, coletada no *Corpus* da língua de sinais espanhola, glosa-LSE, por meio do programa Elan, alusiva à entrevista:



Figura 8: Dêitico-anafórico cossignificativo

Fonte: *Corpus* de LSE(2022)

Outra retomada relevante do referente “intérprete” ocorre por meio de uma elipse, que corresponde sintaticamente ao objeto direto: INDX.PRO(B):1sg . ØPONER-PERSONA UNIVERSIDAD = PONER quem? PONER persona. Ao considerar todo o contexto

discursivo, percebemos no verbo PONER o referente ‘intérprete’, implicitamente. O sinalizante usa a mão direita em configuração S para sinalizar o ato de PONER (com movimento retilíneo marcado da direita para a esquerda) intérprete nas universidades. É comum o uso da elipse quando se usa verbo direcional, nas línguas de sinais (Bernardino, 2000). Os verbos direcionais denotam movimento e posição no espaço e, por essa razão, admitem afixos locativos, que identificam locais no espaço neutro da sinalização. O uso do espaço é sistemático nas línguas de sinais, favorecendo a identificação clara e correta do referente (Ferreira Brito, 2010). Há de se destacar, também no processo referencial, as marcações não-manuais responsáveis por colaborar com a reconstrução do objeto do discurso por meio de uma elipse, entre elas, citamos o olhar direcionado para o local no qual o referente foi construído, a sobrancelha e a testa franzidas. Todos esses fatores juntos colaboram para a constituição do *dêitico-anafórico de classe padrão por elipse*. Em seguida, observemos, por uma das imagens integrantes da entrevista, o processo referencial analisado.



Figura 9: Dêitico-anafórico por elipse

Fonte: *Corpus* de LSE (2022)

Temos também em destaque, na glosa-LSE, a retomada do referente ‘intérprete’ por meio de pronome. Há, neste caso, um dêitico-anafórico de classe padrão em que, simultânea à anáfora, há outrossim a dêixis, apontando exatamente para o local de sinalização previamente estabelecido para o referente em evidência: INDX.PRO(B):1sg . INDX(él) . cl.e(1):persona-desplazarse. Esse apontamento é realizado pela configuração de mão em G – a configuração de mão vai ao encontro de um ponto com um movimento reto –, orientando a cabeça e os olhos em direção à localização em que o referente foi construído. Nesse conjunto de elementos referenciais se destaca também, na sequência, a presença do classificador de pessoa “cl.e(1):persona-desplazarse”, que vem, a nosso ver, fortalecer a retomada pronominal.

De modo geral, na Libras, os referentes não presentes são referidos de forma anafórica no sentido de estabelecerem correferência com o seu antecedente. Sua interpretação completa depende dos elementos introduzidos durante a conversação. Todos os pronomes de terceira pessoa são dêiticos na perspectiva de eles “localizarem” o referente fora do discurso. Essa caracterização anafórica está claramente estabelecida quando a forma da terceira pessoa é acompanhada pela direção do olhar (Berenz, 1996). Todos esses fatores nos permitem, com base nas teorias estudadas, a classificar esse processo referencial como *dêitico-anafórico padrão pronominal de pessoa*. Vejamos, a seguir, uma das imagens do processo referencial mencionado, coletada no *Corpus* de LSE, pelo programa Elan, pertencente à entrevista:



Figura 10: Dêitico-anafórico pronominal de pessoa

Fonte: *Corpus de LSE* (2022)

Na Tabela 4, em sequência às análises, seguindo a mesma organização, temos uma primeira coluna, composta do objeto do discurso selecionado para o momento – língua de signos –; a segunda coluna está dedicada à introdução do referente; a terceira voltada à retomada desse referente; e a quarta destinada à classificação desse processo de retomada no que diz respeito às classes dêitico-anafóricas.

Processo referencial em LSE

Referente/Objeto do discurso	Introdução	Retomada	Dêitico-anafórico
Referente: língua de signos	<p>Entrevistado INDX.PRO(1):1sg . LENGUA DE SIGNOS</p>	<p>Entrevistado 1. INDX.PRO(1):1sg LENGUA PRIMERO MADRE 2. IND.PRO(1):1sg LENGUA DE SIGNOS 3. LENGUA DE SIGNOS ESPAÑOLA</p>	<p>1. padrão por paráfrase definicional 2. padrão conssignificativo 3. padrão especificador</p>

Tabela 4: Processo Referencial na entrevista sinalizada em LSE: língua de signos

Fonte: elaborado pelas autoras

Apresentamos, na Tabela 4, para análise do processo referencial, o objeto do discurso “língua de signos”, que compõe a entrevista em LSE. De acordo com o que nos oferece a glosa-LSE, a introdução do referente é realizada pelo entrevistado da seguinte maneira: INDX.PRO(1):1sg . LENGUA DE SIGNOS. No decorrer do texto sinalizado, o referente é retomado por meio da seguinte composição: INDX.PRO(1):1sg LENGUA PRIMERO MADRE. Assim como ocorreu em Libras, o entrevistado, em LSE, utiliza-se de uma retomada correferencial, com recategorização, por paráfrase definicional, concomitante à apontação visual, no espaço previamente estabelecido – *dêitico-anafórico padrão por paráfrase definicional*. A evolução do referente “língua de signos” acontece pelo acréscimo de informação de conhecimento cultural e linguístico, que reforça a identidade do sujeito surdo. Em outras palavras, ao recategorizar o referente por meio do conjunto LENGUA PRIMERO MADRE, o surdo considera relevante mostrar que a língua de sinais é a sua primeira língua, ou seja, é a sua língua materna. Esse processo de recategorização do objeto do discurso é um fenômeno cognitivo e discursivo que corresponde à evolução natural que todo referente sofre ao longo do desenvolvimento do texto sinalizado – geralmente, ele se dá de modo abstrato, na mente dos sinalizante. Para essa evolução, tem-se não somente as expressões

referenciais que manifestam explicitamente as transformações do objeto de discurso, mas também “[...] um conjunto de pistas contextuais que, acionando informações sóciohistoricamente compartilhadas, ajudam os participantes da enunciação a (re)construírem a referência” (Cavalcante, 2011, p. 90). Apreciamos, em seguida, uma das imagens do processo referencial mencionado, coletada no *Corpus* de LSE, pelo programa Elan, concernente à entrevista:



Figura 11: Dêitico-anafórico por paráfrase definicional
Fonte: *Corpus* de LSE (2022)

Como já pudemos perceber na análise da reconstrução do referente “intérprete” em LSE, a repetição se fez bastante frequente também durante a retomada do objeto do discurso “lengua de signos”, sendo essa ora parcial ora total, assinalada como uma correferência direta, sem recategorização, entre a expressão dêitico-anafórica e seu antecedente textual: IND.PRO(1):1sg LENGUA DE SIGNOS. Concomitantemente à repetição do sinal, tivemos também o olhar direcionado ao local em que o referente foi ativado. Esses fatores mencionados nos permitem caracterizar então, esse processo referencial de ordem lexical como *dêitico-anafórico padrão cossignificativo*. A análise empreendida em ambas as línguas, de modo geral, evidencia que o gênero entrevista favorece o emprego da referida estratégia referencial, uma vez que contribui para a organização discursiva e favorece a coesão e a geração de sequências sinalizadas mais compreensíveis. Em seguida, apresentamos uma das imagens do processo referencial dêitico-anafórico cossignificativo, realizado pelo sinalizante durante a entrevista, em LSE:



Figura 12: Dêitico-anafórico cossignificativo
Fonte: *Corpus* de LSE (2022)

Para encerrar esta seção, apresentamos mais uma retomada importante do referente “lengua de signos”, realizada pelo entrevistado, que na Glosa-LSE ocorre por meio da sequência hiperônimo/hipônimo, admitindo incorporar informações novas ao objeto de discurso, mediante a especificação: LENGUA DE SIGNOS ESPAÑOLA. Essa retomada é desenvolvida pelo surdo no espaço discursivo previamente estabelecido para o referente – com o direcionamento visual e corporal –, especificando, por meio do sinal

ESPAÑOLA, que não se trata de qualquer língua de sinais, mas diz respeito particularmente à língua de sinais espanhola, sua língua materna. Segundo Marcuschi (2004, p. 248), o seguimento hiperonímia-hiponímia não é incomum, podendo ocorrer nos “[...] contextos em que se faz necessário um refinamento da categorização inicial do referente”, passando então por uma transformação em suas propriedades semânticas, por meio do enriquecimento de traços especificadores. Nesse caso, denominamos esse processo referencial como *dêitico-anafórico especificador*. Apreciamos, em seguida, uma das imagens do processo referencial mencionado, coletada no *Corpus* de LSE, pelo programa Elan, pertencente à entrevista:



Figura 13: Dêitico-anafórico especificador

Fonte: *Corpus* de LSE (2022)

Nas análises realizadas acerca do processo referencial em LSE, podemos perceber que, na mesma perspectiva das análises feitas em Libras, as retomadas dos referentes foram assinaladas, de modo geral, pelo dêitico-anafórico de classe padrão, principalmente pelo dêitico-anafórico pronominal de pessoa, assim como pelo dêitico-anafórico cossignificativo, pelo dêitico-anafórico por paráfrase, pelo dêitico-anafórico especificador e pelo dêitico-anafórico por elipse, entre outros.

A simultaneidade e o espaço foram fatores essenciais no desenvolvimento das cadeias referenciais. Nesse sentido, é relevante reforçar que “[...] a simultaneidade também é um mecanismo de coesão que garante a coerência nas línguas de sinais (Quadros, 2021, p. 86). Da mesma maneira, “[...] a utilização do espaço para representar os distintos referentes é um recurso a serviço da coesão discursiva, porque com esses recursos se produzem a progressão temática e a conexão entre as distintas proposições” (Morales López *et al.*, 2019, p. 114, tradução nossa).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, pudemos observar o modo como acontece o processo referencial na Libras em contraste com a LSE, no gênero entrevista. Apesar de cada língua fazer uso de alguma estratégia específica e pontual, mais comumente, o processo referencial em ambas as línguas analisadas foi manifesto por semelhanças, caracterizado pelo uso constante e simultâneo do dêitico e da anáfora. Notadamente, a recuperação do referente foi assinalada pela presença do dêitico-anafórico de classe ‘padrão’, realizado por meio de pontos manuais e visuais, que estabelecem posições marcadas no espaço.

No *Corpus* multilíngue analisado, os dêitico-anafóricos pronominal e por repetição/cossignificação foram os de maior destaque. Esse último – por repetição/cossignificação – é considerado como uma atividade de coesão e coerência textual que, entre outras finalidades, organiza o discurso e permite que os interlocutores reiterem segmentos previamente sinalizados, seja um sinal ou uma seqüência de sinais. Em síntese, o dêitico-anafórico por repetição/cossignificação é fundamental para a manutenção das relações interpessoais, continuidade semântica e progressão textual, em contextos e interações mais ou menos formais. No que diz respeito ao dêitico-anafórico pronominal, tendo em vista a perspectiva de que o objeto de discurso é uma entidade que resulta da dinâmica interacional no texto, essa estratégia referencial é realizada por meio de apontações manuais e visuais, com pontos previamente estabelecidos no espaço, auxiliando, então, na coerência e na coesão do texto sinalizado, evitando, assim, a repetição desnecessária de sinais que podem aparecer mais de uma vez dentro de um processo de sinalização.

Especificamente no que diz respeito ao gênero entrevista, ambas as estratégias dêitico-anafóricas mencionadas – pronominal e por repetição – asseguram ao entrevistador o envolvimento no diálogo, indica atenção à conversação e permite a confirmação da posição do entrevistado. Assim sendo, a seleção dessas estratégias referenciais envolve, por parte dos sinalizantes, “[...] a intencionalidade, o gênero discursivo em questão, o suporte onde o texto circula, a sequência textual predominante, além de outros aspectos não apenas linguísticos, mas condicionados pelo caráter sociocognitivo da linguagem e do texto” (Santos; Cavalcante, 2014, p. 229).

Na maioria das vezes, as retomadas dêitico-anafóricas empregadas pelos sujeitos surdos entrevistados, nas duas línguas, apresentaram uma certa regularidade, podendo elas serem pistas que apontam para a construção da identidade do sujeito surdo nesse contexto de perguntas e respostas. Além disso, direcionados pelas características do gênero entrevista - prática linguística de caráter padronizado -, os surdos sinalizantes, ao reconstruir os objetos do discurso, fê-los mais por meio do dêitico-anafórico de *classe padrão*, diferentemente do que observamos por exemplo nas análises realizadas em narrativas baseadas na história das peras - *Pear Film* (Chafe, 1980), em Libras e LSE, em que sinalizantes se apropriavam constantemente da tessitura textual dêitico-anafórica de *classe de complexas unidades manuais e não-manuais* (Pizzuto *et al.*, 2006; Reis, 2019), com “ações construídas” (Bernardino *et al.*, 2020; Cabeza, 2020), ou conforme denomina Quadros (2021), “alternâncias de perspectivas”, no espaço “sub-rogado” (Liddel, 1995). De modo geral, quando a pessoa surda utiliza determinado processo referencial, ele não o faz aleatoriamente, ao contrário, há em sua escolha finalidades comunicativas, as quais podem ser reveladas a partir de conhecimentos culturalmente compartilhados pelos usuários das línguas de sinais, em um processo discursivo. Em outras palavras, utilizar um elemento referencial na construção de um texto – neste caso, entrevista –, implica sempre uma escolha lexical em detrimento de tantas outras possibilidades existentes na língua, e essa escolha pode revelar opiniões, intenções e atitudes do produtor do texto. Em suma, o dêitico-anafórico é uma estratégia fundamental para a condução da cadeia referencial em ambas as línguas, representando a dinamicidade e a fluidez entre os processos referenciais.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível pelos recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) - processos #150212/2021-6 e #440337/2017-8.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CALVACANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- BERENZ, N. F. *Person and deixis in Brazilian sign language*. 1996. Tese (Doutorado). – University of California, Berkeley, 1996.
- BERNARDINO, E. L. *et al.* A ação construída na libras conforme a linguística cognitiva. *Signótica*, v. 32, 2020.
- BERNARDINO, E. L. *Absurdo ou lógica?: a produção linguística do surdo*. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.
- BRASIL. Decreto nº 5. 626 de 22 de dezembro de 2005:regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais, 2005. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BRASIL. Lei nº 10. 436.Presidência da República dispõe a Língua Brasileira de Sinais, 2002.Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acesso em: 20 nov. 2022.
- CABEZA, M. C. *Fundamentos de las lenguas de signos*. Síntesis, Madrid, 2020.
- CAVALCANTE, M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

- CHAFE, W. L. *The Pear Stories: Cognitive, Cultural, and Linguistic Aspects of Narrative Production*. Norwood, N.J: Ablex, 1980.
- CIULLA, A. *Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos*. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.
- CUXAC, C. *La Langue des Signes Française (LSF)*. Les voies de l'iconicité. *Faits de Langues*, Paris, 2000.
- FERREIRA BRITO, L. *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- KOCH, I. G.V. Linguagem e cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 6, n.1, 2008.
- KOCH, I. G.V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. G.V.; MARCUSCHI, L. A. Processo de referenciação na produção discursiva. *DELTA - Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 14, número especial, p. 169-190, 1998.
- LANDALUCE, J. F. *La deixis en la Lengua de Signos Española (LSE): Efectos de la modalidad espaciovizual*. 2015. Tesis (Doctorado en Lengua) – Universidad del País Vasco, 2015.
- LIDDELL, S. K. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL. In: EMMOREY, K.; REILLY, J. (ed.). *Language, gesture and space*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum Associates, 1995.
- LILLO-MARTIN, D; KLIMA, E. Pointing Out Differences: ASL Pronouns in Syntactic Theory. *Theoretical Issues in Sign Language Research*, Chicago, University Chicago Press, v.1: Linguistics, 1990.
- MEURANT, L. Le regard en langue des signes. *Anaphore en langue des signes française de Belgique (LSFB): morphologie, syntaxe, énonciation*. Namur. Presses Universitaires de Rennes / Presses Universitaires de Namur, 2008.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. et al. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MORALES LÓPEZ, E. et al. Mecanismos de cohesión y coherencia en la organización de una narrativa en lengua de signos. *Revista de Estudios de Lenguas de Signos REVLES: Aspectos lingüísticos y de adquisición de las lenguas de signos*, v. 1, p. 91-125, 2019.
- PIZZUTO, E. et al. Déixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e Italiana (LIS). In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (org.). *Questões teóricas das pesquisas em língua de sinais*. Editora Arara Azul: Petrópolis, 2006.
- QUADROS, R. M. *Gramática da Libras: estudos introdutórios sobre seus componentes gramaticais*. Florianópolis, SC: Signa, 2021.
- QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC; SEESP, 2002.
- QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L.; REZENDE, P. L. F. *Língua Brasileira de Sinais IV: Tópicos de linguística aplicados à Língua de Sinais - Uso do espaço e sistemas de transcrição (ELAN)*. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): Florianópolis. 2009.
- REIS, L. S. El proceso referencial en lengua brasileña de signos (Libras) y lengua de signos española (LSE): análisis contrastivo. *REVLES - Revista de Estudios de Lenguas de Signos*, n. 2, p. 97-124, 2020.

REIS, L. S. *O processo referencial na Libras face às ocorrências anafóricas em língua portuguesa*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2019.

REIS, L. S.; MARTINS, T. Libras e LSE: estratégias referenciais. In: FIGUEIREDO, A. ; SGARBI, N; REIS, L. DA S. (org.). *Estudos linguísticos e aplicados às línguas indígenas e à Libras*. 1ed.São Carlos: Pedro e João Editores, 2021. p. 97-115.

REIS, L. S.; BIDARRA, J. Estudo sobre a construção e reconstrução de referentes no corpus Libras-LSE. In: MORGADO, C.; BRITO, A. M. (org.). *Língua Gestual Portuguesa e outras Línguas de Sinais*: Estudos Linguísticos. Uporto, Porto, 2022.

SANTOS, L.; CAVALCANTE, M. Referenciação: continuum anáfora-dêixis. *Intersecções*, Jundiaí, v. 12, n. 1, maio. 2014.

SCHLENKER, P. *Conditionals as definite descriptions*: a referential analysis. *Research on Language and Computation*, v. 31, n. 1, 2016.



Recebido em 05/07/2024. Aceito em 07/07/2024.